



# O amanhã é agora nas cidades preparadas para o futuro

TEXTO  
NELSON  
JERÓNIMO  
RODRIGUES

Quando foi lançado, há quase 100 anos, o filme *Metrópolis*, de Fritz Lang, projetava para 2026 uma cidade superpovoada, apocalíptica e dividida entre a elite privilegiada e as classes desfavorecidas que habitavam o subsolo. Desde então, a conceção de pólis do futuro mudou consideravelmente, ainda que alguns alertem para o risco de o amanhã trazer verdadeiras cidades distópicas, com problemas reais que germinam há muito, de forma mais ou menos silenciosa. Também por isso, a cidade urge.

Porque o futuro começa hoje, todos os estudos e especialistas lembram que os meios urbanos devem planear melhor a mudança e reforçar políticas públicas que respondam aos principais desafios do que está para vir, como as alterações climáticas, o crescimento populacional ou a habitação. Mas quais serão, hoje, as cidades mais bem preparadas para o futuro?

Na opinião do Índice de Cidades Sustentáveis 2024, elaborado pela Arcadis, Amesterdão é certamente uma delas. A metrópole neerlandesa lidera este ranking mundial que compara 100 centros urbanos, destacando-se por ter criado o Roteiro para a Neutralidade Climática 2050, cuja meta passa por reduzir as emissões de carbono em 95% comparativamente com os níveis de 1990. A participação ativa dos cidadãos na vida e decisões da cidade, bem como o papel das mulheres no mercado de trabalho são outros pontos fortes apontados pelo relatório.

Para João Porto de Albuquerque, investigador da Universidade de Glasgow, a cidade escocesa onde vive e trabalha, é um bom exemplo de urbe que prepara o futuro com os olhos na sustentabilidade. “O município passou a utilizar os conceitos da chamada Economia Donut, que procura relacionar os limites económicos com a natureza, aplicando-os no planeamento urbano”, explica o brasileiro. Para isso, a cidade lançou o programa Gallant, uma resposta

aos principais desafios locais em articulação com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas.

O diretor-adjunto do Urban Big Data Centre realça ainda a estratégia de Bogotá, na Colômbia, sobretudo “por uma iniciativa muito importante de mapeamento comunitário que tem envolvido os cidadãos em processos de planeamento urbano climático”, mostrando que “são, cada vez mais, um fator-chave do futuro”, acrescenta.

Já Teresa Marat-Mendes, investigadora do DINÂMIA'CET-Iscte, identifica duas cidades europeias como bons exemplos a seguir, com destaque para a capital belga. “Estou fascinada com o que se passa em Bruxelas! Por lá, estão a transformar tudo o que são vias rápidas, nomeadamente autoestradas, para serem transpostas por pontes aéreas, criando um contínuo verde e dando primazia ao espaço pedonal”, diz a professora universitária.

A especialista elogia também a forma como Barcelona, em Espanha, “tem valorizado a escala humana e a pedonalidade, sobretudo com os chamados superquarteirões, que têm tudo para transformar positivamente a cidade, bem como a criação de refúgios climáticos”. Bons exemplos a serem seguidos em Portugal, acrescenta, “e se não for por via dos políticos, que seja a população a arregaçar mangas e a indicar o caminho para uma cidade melhor”.

Para Teresa Marat-Mendes, estes casos mostram que é possível redesenhar o espaço urbano e “adaptar as melhores ideias, olhando para o território e aplicando uma arquitetura de acupuntura em cada situação específica”. “Acredito mesmo que estratégias como estas, que valorizem as pessoas, têm tudo para ganhar escala e serem implementadas noutras cidades. Para mim, o futuro passa por aqui!”.

ID: 118191745

01-05-2025

Amesterdão lidera ranking mundial de cidades sustentáveis



Glasgow equilibra qualidade de vida e impacto ambiental



Bruxelas aposta em espaços verdes e pedonais

